

O significado da biografia e do pensamento de Pilgram Marpeck para uma engenharia responsável¹

KARL HEINZ KIENITZ

Resumo: No escopo de uma abordagem aspiracional à ética e prática de engenharia, este texto se vale do paradigma de aprendizado com biografias, discutindo sucintamente Pilgram Marpeck – um engenheiro e reformador anabatista do século XVI – como possível modelo. Uma revisão das principais estações de sua vida e de sua abrangente participação na sociedade de seu tempo é seguida de um resumo do seu pensamento sobre tópicos específicos. Ao considerar sua aplicação, constata-se que o pensamento de Marpeck e várias de suas preocupações continuam atuais e relevantes na ética e prática de engenharia.

Abordagens responsáveis à tecnologia têm sido investigadas e discutidas há décadas dentro e fora da comunidade de engenharia. Como um exemplo de discussão iniciada na comunidade de engenharia, pode-se citar aquela promovida na década de 1980 no Calvin College, EUA, que resultou na publicação de *Responsible Technology*², um livro frequentemente citado na literatura como *RT*. Como um exemplo de discussão iniciada fora da comunidade de engenharia, pode-se citar a que resultou na proposta de teologias da tecnologia. Sua importância para os engenheiros tem sido apontada no trabalho realizado pelo engenheiro e teólogo Paul Heidebrecht³.

Discussões e debates sobre abordagens responsáveis à tecnologia são correntes. O *IEEE International Symposium on Ethics in Engineering, Science, and Technology*, um encontro anual organizado pela maior associação profissional do mundo para o avanço da tecnologia, o Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos (IEEE), é dedicado a temas relacionados com a tecnologia responsável e as práticas de engenharia associadas. Uma conferência bianual de escopo programático semelhante, menor em audiência e fortemente ligada às tradições de fé cristãs, é a *Christian Engineering Conference*. Conferências importantes com vínculos relevantes a outras tradições religiosas também têm sido realizadas, como por exemplo a *2011 Petroleum Institute Conference on Engineering Ethics*, realizada em Abu Dhabi.

Resultados dessas discussões foram: (a) um consenso de que o comportamento ético do engenheiro está na base de abordagens tecnológicas responsáveis; (b) a adoção de códigos de ética pela maioria das sociedades e organizações profissionais de engenharia; e (c) a inclusão de tópicos ou mesmo disciplinas de ética de engenharia no currículo de muitas universidades. Livros-texto muito difundidos, tais como os de Harris et al.⁴ e Fleddermann⁵ têm experimentado sucessivas edições, evidenciando uma estabilização de

1 Este é o texto companheiro da palestra de mesmo título, apresentada em 9.11.2015 no *II Encontro Fé e Saber - Aprendendo com Biografias*, no Auditório da Reitoria, Campus São Cristóvão, da Universidade Federal de Sergipe.

2 Stephen V. Monsma, Clifford Christians, Eugene R. Dykema, Arie Leegwater, Egbert Schuurman, e Lambert Van Poolen, *Responsible Technology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).

3 Paul C. Heidebrecht, *Beyond the Cutting Edge?* (Eugene: Pickwick, 2014); J. Schaefer e Paul C. Heidebrecht, "Pursuing Dialogue Between Theologians and Engineers," em *Engineering Education and Practice: Embracing a Catholic Vision*, J. Heft e K.P. Hallina, Eds. (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2012), 118-139; Paul C. Heidebrecht, "Toward a Theology of Technology from a Mennonite Perspective" (Dissertação de mestrado, Associated Mennonite Biblical Seminary, Elkhart, EUA, 2000).

4 Charles E. Harris, Michael S. Pritchard, Michael J. Rabins, Ray James, e Elaine Englehardt, *Engineering Ethics: Concepts and Cases* (5ª edição, Boston: Cengage Learning, 2013).

5 Charles B. Fleddermann, *Engineering Ethics* (4ª edição, Upper Saddle River: Prentice Hall, 2011).

conceitos e abordagens referentes à ética de engenharia. Embora seja geralmente reconhecido que a maioria dos princípios éticos relacionados com a prática da engenharia chegou até nós filtrada por alguma tradição religiosa, tais princípios se tornaram normas culturais na sociedade ocidental e são amplamente aceitos, independentemente da sua origem. Por isso, disciplinas de ética nas escolas de engenharia, frequentemente não fazem referência explícita à religião.

As principais abordagens para a ética na engenharia são prescritivas: proibitivas (ênfatisando o que não deve ser feito) ou preventivas (ênfatisando como problemas éticos podem ser antecipados ou evitados). Ambas têm caráter normativo e valem-se de um vocabulário de regras. No entanto, muitos engenheiros adotam padrões profissionais e metas para si próprios que podem não ser compartilhados por outros engenheiros. Essa é uma abordagem aspiracional que, como comentado por Harris et al.⁶:

- tem forte aspecto motivacional (o de fazer o bem), que não está necessariamente presente numa perspectiva focalizada em proibições e prevenção de erros;
- usa um vocabulário de caráter ao invés de um vocabulário de regras.

A contribuição deste texto situa-se no âmbito geral de uma abordagem aspiracional à ética de engenharia e vale-se do paradigma de aprendizagem com biografias, frequentemente explorado na educação para a liderança, mas pouco utilizado no ensino da engenharia. O texto retrata uma figura histórica do século XVI, redescoberta no século XX, e sucintamente a apresenta como um possível modelo pioneiro para o profissional de engenharia: Pilgram Marpeck, um engenheiro e reformador anabatista, notável por sua motivação e abrangente participação na sociedade do seu tempo.

O restante deste artigo segue a seguinte sequência. A próxima seção é dedicada a preliminares e motivação adicional. Uma seção posterior traz informações biográficas sobre Pilgram Marpeck. Segue-se uma seção que, em grande parte, usa as próprias palavras de Pilgram Marpeck para transmitir sua perspectiva sobre questões relevantes à compreensão do seu pensamento e da sua vida, que se destacou por um compromisso social abrangente em que as atividades de engenharia se integraram sem distinção de fronteira. Uma análise conclusiva e comentários finais encontram-se na última seção do artigo.

PRELIMINARES E MOTIVAÇÃO ADICIONAL

No início de considerações aspiracionais relativas ao engenheiro, é importante caracterizar a engenharia e objetivos de valor para a atividade de engenharia.

Kemper e Sander atribuem a seguinte caracterização de engenharia à ABET⁷: “Engenharia é a profissão em que o conhecimento das ciências matemáticas e naturais obtido pelo estudo, experiência e prática é aplicado com julgamento para desenvolver formas de utilizar, economicamente, materiais e forças da natureza para o benefício da humanidade.”⁸ Esta caracterização é compatível com outra mais literária, encontrada nas memórias de Herbert Hoover⁹, que no entanto acrescenta dois aspectos importantes não considerados na caracterização anterior: (a) criatividade é necessária, “pois engenharia sem imaginação torna-se uma ocupação”; e (b) o trabalho administrativo e organizacional também é parte do exercício da engenharia.

6 Harris et. al, 2013, 18-19.

7 ABET: Accreditation Board for Engineering and Technology (Conselho de Acreditação em Engenharia e Tecnologia), EUA.

8 John D. Kemper and Billy R. Sanders, *Engineers and Their Profession* (5ª edição, Oxford University Press, 1988), 104.

9 Herbert Hoover, “The Profession of Engineering,” capítulo 11 em *The Memoirs of Herbert Hoover: Years of Adventure 1874-1920* (New York: Macmillan, 1951).

Em suas memórias, Herbet Hoover escreve sobre melhoria de vida como objetivo e possível resultado da atividade do engenheiro. Ele também aponta os desafios sociais que ela acarreta.

“Há fascínio em ver um produto da imaginação emergir com a ajuda da ciência para um plano no papel. Em seguida, este se torna realização em pedra ou metal ou energia. Depois leva empregos e moradias aos homens. Em seguida, eleva os padrões de vida e contribui para o conforto... Toda vez que ele [o engenheiro] descobre uma nova aplicação para a ciência, criando assim uma nova indústria, proporcionando novos postos de trabalho, melhorando padrões de vida, ele também perturba tudo o que é. Novas leis e regulamentos precisam ser feitos e novos tipos de maldade controlados.”

Em um artigo intitulado “Engenheiros melhoram vidas?”¹⁰, Doug Lamm considera “melhorar vidas” equivalente a proporcionar um aumento na satisfação do usuário de uma solução tecnológica ou de engenharia. A satisfação é entendida por Lamm como tendo duas componentes: prazer e conforto. Ele conclui que “melhoria” dependerá não só do potencial da solução de engenharia ou tecnologia, mas também da sabedoria do usuário no seu uso. Lamm não menciona os desafios sociais envolvidos na (re)definição de legislação e regulamentação.

Jeremy Van Antwerp¹¹ explicita um objetivo muito mais refinado para a atividade de engenharia, baseando-se para tal em noções da tradição judaico-cristã. Define o resultado de “melhorar vidas” em termos do conceito bíblico de “shalom,” cujo significado é paz, harmonia, integralidade, prosperidade e bem-estar. Muitos engenheiros têm a visão, expressa por Hoover, de que em engenharia nada é livre de nuance moral: a tecnologia, design ou solução irá promover fins bons, ou fins reprováveis, ou ainda um pouco dos dois. Isso faz do projeto de engenharia uma atividade normalizada. Tendo isso em vista, *RT* introduziu uma ferramenta de projeto baseado em normas, que pode ajudar engenheiros a obter projetos/soluções que incrementem “shalom.” A ferramenta implementa uma abordagem preventiva à ética de engenharia, sendo compatível com uma Engenharia de Sistemas convencional, e tem recebido bastante atenção, por exemplo em muitas contribuições às Conferências de Engenharia Cristãs (*Christian Engineering Conferences*).

No entanto, VanderLeest¹² assinala que “alguns autores identificaram dificuldades com as normas de projeto [da *RT*]. Van Antwerp levanta uma série de questões importantes a respeito do uso das normas de projeto em seu artigo de 2006 na CEEC¹³, explorando algumas dificuldades práticas com o uso delas em projetos reais. VanderLeest explorou humildade como uma norma adicional necessária no projeto tecnológico em um artigo de 2006 da ASEE¹⁴. Funk considera as normas de projeto e as encontra em falta¹⁵: 'Eu vejo um conjunto de princípios com base numa hierarquia bíblica do valor como mais adequado para raciocinar sobre as coisas de modo cristão. Além disso, na minha opinião, Monsma et al. omitem as [normas] mais importantes ou apenas as mencionam secundariamente.' No seu lugar, Funk identifica três bens prioritários intrínsecos: (1) comunhão com Deus (individual e comunitariamente), (2) bem-estar humano (em parte com base no fato do

10 Doug Lamm, “Do Engineers Improve Lives?”, em *The Best of IEEE USA Today's Engineer: On Innovation*, Georgia C. Stelluto, Ed. (IEEE-USA, 2007), 30-33.

11 Jeremy C. Van Antwerp, “Beyond Design Norms – Engineering as a Serving Profession”, em *Proceedings of the 2006 Christian Engineering Educators Conference* (Olivet Nazarene University, Bourbonnais, IL, 21-23 de junho de 2006), 115-119.

12 Steven H. VanderLeest. “Wider and Deeper Norms for Technology Design,” em *Proceedings of the 2008 Christian Engineering Educators Conference* (Geneva College, 25-27 de junho de 2008), 36-48.

13 J.C. Van Antwerp, 2006.

14 Steven H. VanderLeest, “Justice and Humility in Technology Design,” em *Proceedings of the 2006 ASEE Annual Conference & Exposition: Excellence in Education* (Chicago, 2006).

15 Ken Funk, “Thinking Critically and Christianly About Technology,” *Perspectives on Science and Christian Faith* 59, no. 3 (setembro de 2007), 201-211.

homem ter sido criado à imagem de Deus), e (3) o mundo natural (incluindo o mandato cultural e a mordomia da criação). Ao refletir sobre essas prioridades propostas, ele observa que 'Monsma et al., *RT*, deram ênfase inadequada a este princípio [o princípio 1], e seus princípios focam principalmente nos dois níveis inferiores da hierarquia do bem.'"¹⁶

Van Antwerp recomenda¹⁷ “apresentar concomitantemente o enfoque via normas de projeto e a perspectiva de que os engenheiros são chamados por Deus a servi-Lo e aos seus vizinhos, e ser guardiões da terra através da tecnologia que criam. Os engenheiros precisam trabalhar como servos de Deus, servindo aos outros. ... A perspectiva das normas de projeto, de tentar prever todos os fins possíveis deve ser equilibrada com a realidade de que Deus em sua soberania está no controle de toda a história, e através de sua providência opera através de nós. Em última análise, os engenheiros cristãos devem agir da melhor maneira possível” (o que pode incluir o uso da normas da *RT*). Assim, Van Antwerp continua, um engenheiro cristão não está interessado apenas nas fontes de conhecimento técnico, mas também na modelagem de virtudes cristãs e em desenvolver uma cosmovisão e forma de reflexão cristãos. Todos estes são elementos de uma abordagem aspiracional à engenharia.

A abordagem para definir/entender o processo de julgamento e avaliação que sustenta a atividade de engenharia, resumida por Funk¹⁸ e mencionada acima, é particularmente adequada para adoção por engenheiros cristãos, porque:

- está relacionada com 3 bens intrínsecos gerais, compatíveis com a proposta cristã;
- formaliza abordagens não refletidas *ad hoc* de cristãos que entendem sua fé e prática de engenharia como parte integrante das suas vidas;
- não leva à superespecialização na discussão da prática profissional responsável, permitindo a apropriação de conhecimentos oferecidos por cristãos de outras profissões;
- permite identificar modelos de referência na história (por exemplo o aqui proposto, Pilgram Marpeck) e apropriar lições de modelos que vive(ra)m em circunstâncias diferentes; e
- constitui um enfoque robusto que permanece inalterado quando o foco profissional muda.

Além disso, abordagens aspiracionais são interessantes pela facilidade com que podem ser estendidas (generalizadas) para tarefas executadas por engenheiros em adição ao projeto técnico específico, assim como tarefas administrativas, de liderança e coordenação, relacionadas ou não ao desenvolvimento, implantação e operação de soluções de engenharia. Embora o envolvimento administrativo, de liderança e coordenação foi percebido por alguns (por exemplo Hoover) como algo que só mais recentemente se tornou parte do trabalho do engenheiro, pode-se constatá-los em todas as maiores empreitadas de engenharia ao longo da história, muitas vezes com características semelhantes às discutidas nas disciplinas modernas de Engenharia de Sistemas e Gestão de Projetos.

Aprender com os outros e por meio de exemplos se encaixa em abordagens aspiracionais para a ética em geral e para a ética de engenharia em particular. Tornar-se um bom engenheiro exige a compreensão das nuances das disciplinas técnicas gerais e específicas, bem como das formas de atuação como subordinado, par e supervisor. Para compreender e enfrentar com sucesso estes desafios, é importante estudar e refletir. Estudo e reflexão com foco em biografias cobre muitas das facetas gerais encontrados na atividade de engenharia, uma vez que muitos dos desafios enfrentados hoje não são diferentes dos que foram

16 S.H. VanderLeest, 2008.

17 J.C. Van Antwerp, 2006.

18 K. Funk, 2007.

enfrentados por homens e mulheres que vieram antes de nós. Aprender como eles e elas lidaram com seus desafios nos ajuda a sermos mais eficazes com os desafios enfrentados por nós hoje.

Aqui se insere a motivação para a concentração em Pilgram Marpeck pelo restante deste texto, “um engenheiro de minas tirolês com recursos e influência ... cujo testemunho foi obscurecido, seus escritos extraviados ou esquecidos.”¹⁹ Somente nas últimas décadas a vida de Marpeck ressurgiu na sua totalidade. Por causa de seus pontos de vista alinhados com a ala radical da Reforma, no início de 1528 ele interrompeu sua carreira como superintendente de minas e – além de continuar a trabalhar como engenheiro para sustentar-se – passou a atuar como líder comunitário anabatista e escritor com conexões e responsabilidades no sul da Alemanha, Alsácia, Suíça, Áustria e Morávia. Apesar da perseguição, tendo adquirido valiosas habilidades técnicas e destacada competência organizacional através de educação geral e treinamento prático, ele reiteradamente ocupou cargos de engenharia importantes com responsabilidade no abastecimento de água e madeira de cidades importantes (Estrasburgo, St. Gallen, Augsburg).

UM RESUMO BIOGRÁFICO²⁰

Pilgram Marpeck nasceu por volta de 1495 na cidade mineira de Rattenberg am Inn, uma cidade bávara do Tirol, que se tornou austríaca em 1504. Seu pai Heinrich Marpeck era um empresário de minas que havia se mudado para Rattenberg no início da década de 1490, proveniente da cidade bávara de Rosenheim. Em Rattenberg, Heinrich serviu como magistrado e, mais tarde, como vereador e como prefeito. Pilgram cresceu em Rattenberg e frequentou uma escola de latim, onde recebeu uma educação acadêmica perceptível em seus escritos.

Sua vida de trabalho começou em 1513, quando o conselho de Rattenberg nomeou-o para servir no hospital da cidade por um período indeterminado. Ele tinha, então, cerca de 18 anos de idade. Marpeck deve ter-se destacado no hospital, pois logo depois estava trabalhando no asilo para os mineiros idosos ou debilitados, criado pela *Bergwerkbrüderschaft* local, uma associação local dos empresários de minas, em que foi recebido como membro em 1520, o ano em que ele – em conjunto com um sócio – deu início a um ambicioso empreendimento de transporte de minério.

Ainda antes de 1520, Pilgram casou-se com Sophia Harrer, com quem teve uma filha, Margareth. O casal também assumiu a guarda de três crianças, possivelmente órfãos de mineiros acidentados. Sophia morreu algum tempo antes de julho de 1528, quando Marpeck voltou a se casar.

Possivelmente já em 1520, Pilgram tornou-se membro do conselho da cidade Rattenberg. Ele serviu como prefeito em 1522 e representou a cidade várias vezes em *Landtage*²¹ e nas negociações com o governo do Tirol, sediado em Innsbruck.

Em abril de 1525, o arquiduque Ferdinando, governante do Tirol, nomeou Pilgram como magistrado do *Berggericht* de Rattenberg. Esta era uma função assalariada – semelhante à

19 H.S. Bender, “Pilgram Marpeck, Anabaptist Theologian and Civil Engineer,” *Mennonite Quarterly Review*, v. 38, julho de 1964, 231-265.

20 A informação biográfica nessa seção baseia-se nas seguintes referências: Stephen B. Boyd, *Pilgram Marpeck: His Life and Social Theology* (Mainz: Philipp von Zabern, 1992); Walter Klaassen & William Klassen, *Marpeck: a Life of Dissent and Conformity* (Scottsdale: Herald Press, 2008); Johann Loserth, John C. Wenger, Harold S. Bender & Stephen B. Boyd, “Marpeck, Pilgram (d. 1556),” in *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*, 1987. Último acesso: 8 de julho de 2015. [http://gameo.org/index.php?title=Marpeck, Pilgram \(d. 1556\)&oldid=112030](http://gameo.org/index.php?title=Marpeck,_Pilgram_(d._1556)&oldid=112030) ; Martin Rothkegel, “Marpeck, Pilgram,” in *Mennonitisches Lexikon (MennLex) Band V – Revision und Ergänzung*, 2010-2013. Último acesso: 8 de julho de 2015. http://www.mennlex.de/doku.php?id=art:marpeck_pilgram

21 Assembléias representativas de cidades.

de um superintendente de minas – e incluía a responsabilidade de: (a) tratar dos direitos e reivindicações dos mineiros, empreendedores e nobres; (b) os cuidados com as viúvas, órfãos e mineiros aposentados; e (c) a representação dos interesses do governo tirolês nas atividades de mineração locais. A jurisdição de Pilgram estendia-se sobre Rattenberg e Kufstein com suas minas, fundições e florestas, já que madeira era insumo essencial à mineração.

Na câmara municipal de Rattenberg, Marpeck esteve envolvido em esforços para a libertação do prior agostiniano Stephan Kastenbauer, preso em 1522 por pregar sermões inclinados ao luteranismo. Aparentemente foi nessa ocasião que Marpeck tomou conhecimento das preocupações ligadas à Reforma. No entanto, expressões concretas do movimento se tornaram perceptíveis em Rattenberg apenas em 1527, quando o ex-monge franciscano Leonhard Schiemer conquistou seguidores no vale do Inn para o movimento anabatista iniciado por Hans Hut (1490-1527). Marpeck aparentemente tinha conhecimento de uma comunidade anabatista que já existia em Rattenberg quando da prisão de Schiemer. Schiemer foi preso em Schwaz, em 25 de novembro de 1527, e por ordem das autoridades de Innsbruck foi executado em Rattenberg em 14 de janeiro de 1528, no pátio do castelo atrás da casa de Marpeck. Embora Pilgram não tivesse ligação direta com o processo e nem com a execução de Schiemer, cabia a ele denunciar às autoridades a presença de mineiros anabatistas em Rattenberg. Para evitar fazê-lo, Marpeck renunciou a seu cargo em 22 de janeiro 1528 e deixou a cidade. Como viúvo e, presumivelmente, por causa da incerteza de seu futuro, confiou a guarda de sua filha a parentes em Rattenberg. As propriedades de Marpeck foram confiscadas em 1530.

De Rattenberg, Pilgram mudou-se para Krumau na Boêmia, à época um próspero centro de mineração de prata, que atraía numerosos mineiros do Tirol. Há evidências de que em Krumau Marpeck foi rebatizado, casou com Anna, sua segunda esposa, e foi comissionado como líder da igreja anabatista de Austerlitz, Morávia. Já em junho de 1528 ele foi convocado pelas autoridades locais para explicar-se em relação à fundação de uma congregação anabatista entre os mineiros. Forçado a deixar Krumau, Pilgram mudou-se para Estrasburgo, a principal cidade da Alsácia, uma cidade religiosamente tolerante, aparentemente enviado a trabalhar pela unidade dos grupos anabatistas de Estrasburgo e Austerlitz.

Em Estrasburgo, Pilgram juntou-se a uma associação profissional e tornou-se cidadão em 19 de setembro de 1528. Para adquirir a cidadania, era necessário residir em Estrasburgo, ser registrado com uma associação profissional, pagar imposto de cidadania e anualmente reafirmar o compromisso de lealdade e obediência ao conselho da cidade. Marpeck decidiu filiar-se à associação profissional dedicada a transporte e jardinagem. Isto pode ter sido motivado por sua experiência com transporte e logística em Rattenberg. Além disso, ao aderir a esta associação, a maior e mais pobre entre as associações profissionais de Estrasburgo, Pilgram tornou-se institucionalmente ligado ao povo trabalhador da cidade e entrou num círculo em que teria uma audiência receptiva, uma vez que essa associação foi uma das mais proeminentes no início da Reforma em Estrasburgo.

Pouco depois de instalar-se na Alsácia, Pilgram juntou esforços com outros cidadãos socialmente engajados para ajudar e abrigar refugiados que vinham a Estrasburgo. Além disso, atuou como líder de uma comunidade anabatista local e escreveu e debateu sobre temas teológicos. Isso tudo foi integrado com uma intensa atividade profissional. Autoridades de Estrasburgo tiveram conhecimento da sua competência técnica e o contrataram no início de 1530 como *Holzmeister*, um engenheiro municipal com a responsabilidade de gerir a aquisição e exploração de direitos florestais. Ele aparentemente passou um período substancial do seu tempo nos vales dos rios Kinzig e Leber, organizando o fornecimento de lenha e madeira de construção a Estrasburgo. A madeira era lançada rio abaixo em direção à cidade, sendo recuperada com barragens construídas

para esse fim. Além disso, participou do estabelecimento de comunidades anabatistas nessas áreas, e manteve correspondência pastoral com elas ao longo de muitos anos.

O abandono da política de tolerância religiosa de Estrasburgo teve consequências para Marpeck; após várias semanas de investigação sob a direção do líder reformador local, Martin Bucer, Pilgram foi expulso da cidade em janeiro de 1532. Evidências sugerem que, após deixar Estrasburgo, Pilgram e Anna se estabeleceram na Suíça em algum ponto entre St. Gallen e Appenzell. Em St. Gallen, Marpeck esteve envolvido no trabalho em um sistema de canalização para a indústria têxtil local. É provável que esta atividade tivesse conexão com a conversão de uma casa e celeiro em instalação de processamento têxtil, conversão esta decidida em 1535 pelo conselho da cidade de St. Gallen. A conversão implicou na construção de canais para desviar a água em torno de uma elevação próxima para atender a nova instalação e também prover água potável à cidade.

As poucas referências ao paradeiro de Marpeck durante os anos seguintes a sua expulsão de Estrasburgo sugerem que ele se manteve sempre em contato com a igreja anabatista de Austerlitz. Várias de suas cartas e folhetos edificantes desses anos sobreviveram. Eles documentam a existência de uma rede clandestina de comunidades anabatistas em comunhão eclesial com a igreja de Austerlitz, e se estendiam de Grisons a Württemberg e da Alsácia à Morávia e a Viena. A Marpeck aparentemente cabia a tarefa de manter os laços entre as comunidades. Assim, já em 1540, ele viajou de Austerlitz a Grisons e dirigiu cartas de lá a congregações na Alsácia. Mas em 1541 ele estava de volta à Morávia, onde participou de uma tentativa de conciliar os anabatistas de Austerlitz com os huteritas. Durante todo esse tempo Pilgram também investiu muito esforço em uma controvérsia teológica iniciada em Estrasburgo com Caspar Schwenckfeld, o principal representante do subjetivismo religioso radical também conhecido como “espiritualismo.”

De fevereiro de 1544 até sua morte súbita em algum momento durante a semana de 31 de outubro a 06 de novembro de 1556, Marpeck residiu em Augsburg. Como funcionário da cidade e membro da comissão de obras, ele supervisionou e coordenou projetos ligados ao abastecimento da cidade com água e madeira. Ao mesmo tempo ele (clandestinamente) exercia a liderança da comunidade anabatista perseguida de Augsburg, e por meio de cartas e mensagens ensinava as comunidades distantes da rede anabatista de que participava.

RESUMO DE ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO DE PILGRAM MARPECK

Paul Peachey apontou para Marpeck como um modelo na combinação de profissão e fé²². Ele vê a identidade básica de Marpeck ancorada na ordem e no povo de Cristo, o que claramente resultou na afirmação do mundo: ele projetou soluções de engenharia, enfrentou desafios sociais, e participou do discurso central da cidade. Por causa de seu compromisso cristão, Marpeck estava disposto a sacrificar a segurança e o prestígio decorrentes da sua ocupação profissional. Ele assumiu responsabilidades na sua comunidade de fé e na sociedade em geral. A relação entre ou melhor, a integração do trabalho nos dois domínios faz Marpeck um bom estudo de caso. Além disso, argumenta Peachey, Marpeck ilustra o caráter recíproco da liberdade e o da aliança. Fazer a sua interdependência clara é uma vocação individual de cada cristão. Peachey conclui que “em aspectos estruturais importantes o mundo moderno tomou a forma que estava implícita nos idiomas que Marpeck encarnava – redes de comunidades (cristãs) livres e atuantes em uma sociedade dependente de ações individuais coordenadas com pessoas concordes.”

Muitos escritos de Pilgram Marpeck vieram à tona durante o século 20. Em muitos, se não a maioria deles, Marpeck tratou de forma geral a vida cristã, que abrange todos os aspectos

²² Peachey, Paul, “Profession and Faith: Marpeck as Model,” em *Proceedings of the Marpeck Academy* (Baltimore: n.p., 1980), 1-12.

e domínios da vida diária. A seguinte coleção de citações²³, principalmente de Marpeck mas também de outros, constitui um resumo de seu pensamento sobre questões especialmente relevantes para o engenheiro cristão.

Dons são dados para a glória do Criador e para servir outros

“Todos os dons nos são dados por Deus, e eles são dados por duas razões. Primeiro, nelas podemos aprender a conhecer o nosso Criador, Deus e Pai e, portanto, com um coração puro, podemos glorificar, louvar e agradecer a Ele. Em segundo lugar, devemos usar os dons para servir uns aos outros, e não para assenhorear-nos dos outros. E, se realizarmos algo para o louvor do Senhor e em benefício do próximo, nós não nos alegramos por isso. Nossa maior alegria será mostrar, com inabalável fé e esperança certa, o amor para com o próximo, e assim provar o nosso amor a Deus.”²⁴

“Tudo nos foi dado para o serviço, a fim de que não o desperdicemos desenfreadamente como se pertencesse a nós e o considerássemos como irrelevante para a inefável bondade e graça de Deus. Não servimos a nós mesmos, mas sim para o louvor de Deus e nossa própria salvação, porque o Senhor mesmo nos serviu. Quem não servir no espírito voluntário de Cristo até a perda de sua vida ou por medo e ameaça de condenação, esse busca a sua própria satisfação e os benefícios de uma vergonhosa, orgulhosa e vã recompensa e honra. A todos os seus verdadeiros servos, Deus promete a recompensa e a herança com Cristo. Os verdadeiros servos não olham para a recompensa como se pudessem ganhá-la com o seu serviço; eles olham somente para o Recompensador e o Doador e não para o dom ou a recompensa.”²⁵

Sobre o entrelaçamento da fé, do amor, Deus e da ação humana para servir todas as criaturas

“A fé deve manifestar-se em testemunho, fruto e trabalho. Assim, o amor é fé em ação; ele edifica e faz crescer. Mas o poder do amor, que Deus tem e Ele mesmo é eternamente [está disponível somente] na medida em que é dado ao homem e este o recebe, e não [está disponível] em seu próprio poder.

Assim, a vida e a obra de todos os verdadeiros crentes servem todas as criaturas. Seu espírito é senhor de todas as coisas em Cristo. Pois quem crê que toda a autoridade foi dada a Cristo, se move, fala e age não por autoridade própria, mas com autorização de Cristo. Porque Cristo nunca disse aos apóstolos: 'Ide, todo o poder foi dado a vocês'; em vez disso, disse: 'Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto ide.'”²⁶

Razão e vontade vistas com otimismo cético

“A razão é uma função do espírito humano, que Marpeck valorizou como 'uma criatura sublime sensível' e uma 'imagem da semelhança da humanidade com Deus'. No entanto, a razão 'presumiu ser um deus' que 'pode ser salvo ou condenado por seu próprio poder.' [Ele] não estava criticando a razão como Deus a criou, mas seu ímpeto de penetrar o divino e alcançar sua própria salvação. [Essa] arrogância era mais pronunciada entre as classes educadas, que desprezavam 'o povo simples, iletrado, leal, de modos pouco refinados.' No

²³ Em parte as citações foram abreviadas.

²⁴ Pilgram Marpeck, “Concerning the Lowliness of Christ (1547),” capítulo V.11 em *The Writings of Pilgram Marpeck*, tradução de William Klassen e Walter Klaassen (Scottsdale: Herald Press, 1978), 437

²⁵ Pilgram Marpeck, “The Servants and Service of the Church,” capítulo V.19 em *The Writings of Pilgram Marpeck*, 552-553.

²⁶ Pilgram Marpeck, “A Clear Refutation,” capítulo I em *The Writings of Pilgram Marpeck*, 53; “Concerning the Love of God in Christ,” capítulo V.18, 531; “A Clear and Useful Instruction,” capítulo II, 77 e 83.

entanto, a salvação requer que a razão se humilhe aos pés físicos de Jesus.”²⁷

“Para Marpeck a vontade, assim como a razão, era uma função do espírito e admirável como havia sido criada. No entanto, ele criticou aqueles que atribuíram 'todo o poder e capacidade ao livre arbítrio do homem.’”²⁸

Sobre a confiança no poder humano

“... confiar somente no poder humano? Tal confiança é contrária à verdadeira forma da paciência de Cristo.”²⁹

Recursos e riqueza

Recursos e riqueza podem ser dons para servir os outros; no entanto, avidez por elas é repreensível. Seu uso ímpio provoca injustiça e sofrimento. Tal posição de Marpeck está alinhada com a de Hans Denck (c. 1495-1527), que criticou tanto pobres quanto ricos pela avidez por bens e posses, ao invés de preparar seus corações por meio de serenidade para o enchimento com Cristo³⁰, e com a de Peter Riedemann (1542-1556), que sustentava que Deus está refletido na criação, mas que os seres humanos abusam criaturas, apropriando-se delas para os seus fins egoístas.³¹ Em um folheto anônimo atribuído a Marpeck, lemos: “O medo de perder posses engana o mundo inteiro e amarra o amor de Deus e do homem sobre a terra. Quando Cristo precisa se retirar como ocorreu na aldeia dos gadarenos, injustiça assume. O amor esfria. O egoísmo toma conta, e todas as pessoas sofrem.”³² Uma posição desprezada mas responsável está na base das empreitadas bem-sucedidas de Marpeck e da sua preocupação com os socialmente fracos e desfavorecidos.

O que nos impele?

“Eu tenho que mostrar como pode ser testado e reconhecido, antes de tudo em mim, depois também em outros, se nossas ações são impelidas pelo Espírito Santo, ou se fluem de uma mente carnal. Para fazer o teste: primeiro, acontece frequentemente que a piedade natural odeia o mal e é zelosa quanto ao bem, que [os homens] são nisso dominados e impelidos pelo zelo, empenhando-se consideravelmente. Isso não é, portanto, a compulsão do Espírito Santo de Cristo; é apenas uma compulsão servil. Eu escrevo tudo isso a fim de que cada um possa muito bem perceber por si mesmo o que a impele, de que fonte flui, de que fonte seu impulso provém.”³³

Na continuação, Marpeck apresenta quatro critérios para assegurar-se da direção pelo Espírito Santo. William Klassen assinala que eles “tratam da vida ética prática do cristão e não da sua forma de ler as Escrituras. Mas Marpeck não separa os dois domínios; para ele a vida era não-compartmentada, e as Escrituras deveriam ser estudadas com o objetivo exclusivo de aplicá-las.”³⁴ Os quatro critérios (“coisas, ou razões”, como Marpeck as chama) são:

1. Amor a Deus e concessão a meu vizinho do que Deus me concedeu.
2. A diminuição da própria vida e a prontidão de sofrer por Cristo e por amor ao

27 Thomas N. Finger, *A Contemporary Anabaptist Theology* (Downers Grove: Intervarsity, 2004), 481-482.

28 T.N. Finger, 483

29 P. Marpeck, “Concerning the Lowliness of Christ” (1547),” 448.

30 T.N. Finger, 294.

31 T.N. Finger, 122.

32 Peter Hoover (trans.), *The Triumph, Peace, and Power of True Christianity: An Early Anonymous Anabaptist Tract* (Shippensburg: Benchmark Press, 1998), 7.

33 Pilgram Marpeck, “Concerning the Humanity of Christ (1555)”, capítulo V.15 em *The Writings of Pilgram Marpeck*, 511.

34 William Klassen, *Covenant and Community: The Life, Writings and Hermeneutics of Pilgram Marpeck* (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), 75.

- evangelho.
3. O reconhecimento das portas abertas de Deus e abstinência de entrar onde Deus não abriu a porta.
 4. Liberdade e solidez no ensino, no julgamento e na verdade (ou seja, sem considerar interesses incompatíveis com o Reino de Deus).

Nossos relacionamentos e reações

“Nunca devemos permitir-nos estar ofendidos ou escandalizados por algo. Além disso, devemos vigiar com diligência que o nosso vaso de barro não cause ofensa a alguém. Caso contrário, nosso próprio vaso ou aquele do nosso vizinho pode ser quebrado.”³⁵ Na sequência, Marpeck aponta que a arrogância, a presunção, e o “dar lugar e espaço à concupiscência da carne” resultarão em tal quebra.

Um convite

“Convidamos todas as criaturas a se alegrar conosco e cantar louvores ao nosso Deus.”³⁶

A prática pessoal

Marpeck aplicou seu ensinamento a si, como pode ser visto em uma confissão apresentada ao conselho da cidade de Estrasburgo, em 18 de janeiro de 1532: “Eu me coloquei à disposição de Deus e de todos os verdadeiros crentes, e tento servir a todos os homens com aquilo que tenho e posso realizar através do Seu Filho Jesus Cristo. Estou preparado para mostrar amor humano a todos, de acordo com a palavra de Paulo³⁷, para servir a todos do fundo do coração e não ferir os sentimentos dos outros. Se eu tiver, inconscientemente, não seguido tal conduta, peço perdão a todos. No entanto, em matéria de fé, se Deus o permitir, não cederei a ninguém por causa do amor.”³⁸

Governo

Em círculos anabatistas, a relação com o governo sempre foi objeto de intenso debate, muitas vezes resolvida com alguma fórmula de obediência. Para os engenheiros essa é uma questão importante, uma vez que muitas empresas e/ou soluções de engenharia são pagas ou reguladas pelo governo, ou às vezes implicam outro envolvimento governamental. Marpeck abordou a questão várias vezes, por exemplo, na confissão apresentada ao conselho da cidade de Estrasburgo: “Eu admito governantes do mundo, carnais e terrenos como servos de Deus em questões terrenas...”³⁹ A posição de Marpeck no que diz respeito à participação no governo foi resumida por Thomas Finger: “enquanto Marpeck aprovou a participação de cristãos em funções de utilidade social do governo, não encontro real evidência de que isso incluiu funções coercitivas.”⁴⁰

COMENTÁRIOS E CONCLUSÃO

Além das abordagens prescritivas à atividade de engenharia responsável, assinalou-se que uma ênfase aspiracional a nível individual é relevante, e pode ser formatada também pelo estudo de biografias. Para tal, a vida e aspectos do pensamento de Pilgram Marpeck foram apresentados. Embora Marpeck não tenha anotado detalhes de sua prática de engenharia e de seus empreendimentos, muitos de seus escritos contêm considerações e princípios que são facilmente transferíveis a assertivas de valor para o engenheiro. Nesta seção de

35 P. Marpeck, “Concerning the Lowliness of Christ (1547),” 441.

36 P. Marpeck, “Concerning the Lowliness of Christ (1547),” 462.

37 Gal 5.13

38 Pilgram Marpeck, “Confession of 1532,” capítulo III em *The Writings of Pilgram Marpeck*, 149 e 156.

39 P. Marpeck, “Confession of 1532,” 150.

40 T.N. Finger, 297.

conclusão, conteúdos das seções principais – aquelas sobre a vida de Marpeck e seu pensamento – são revisitados para algumas observações finais sobre sua relação com a atividade de engenharia.

Em relação à vida prática, Marpeck enfatizou que dons são dados para a glória do Criador e para servir aos outros. Tal entendimento definiu uma dupla perspectiva para toda sua atividade, incluindo o seu trabalho de engenharia: uma perspectiva espiritual de louvor (dirigida a Deus)⁴¹ e a do serviço em “benefício do próximo” (dirigida aos homens). Uma nuance importante dada por Marpeck à segunda perspectiva, é que o serviço em si deve ser tomado como base para a satisfação, mais do que os resultados ou sucessos alcançados com o serviço. As considerações de Marpeck encaixam-se muito bem na perspectiva geral da engenharia como uma profissão de serviço aos outros, explorada por Van Antwerp⁴².

Com relação ao empoderamento da ação individual, Marpeck enfatiza que o trabalho do cristão é parte da manifestação de sua fé. Feitos irão expressar o amor, que é “fé em ação; edifica e melhora.” Mas o poder do amor não provém de homens: é dado por Deus. Embora Marpeck, por razões óbvias, não se referiu a conceitos tais como meio ambiente e sustentabilidade, é notável sua observação de que “a vida e obra de todos os verdadeiros crentes serve todas as criaturas.” A preocupação com todas as criaturas é muito apropriada para informar e balancear a atividade de engenharia, tantas vezes censurada por desprezar a criação em geral.

Razão e vontade, duas das ferramentas mais notáveis do engenheiro, são vistas por Marpeck como admiráveis, mas limitadas. Em particular no que diz respeito à razão, ele entende que humildade é necessária. Excesso de confiança no poder e nas habilidades da razão e do livre arbítrio ele critica. Não surpreendentemente, uma combinação equilibrada de ceticismo e otimismo com relação à capacidade individual de solução de problemas de engenharia (o chamado “pensamento positivo cético”⁴³) é vista atualmente como a melhor opção.

A solução de problemas de engenharia requer meios e recursos materiais, além de “capacidade de imaginação”⁴⁴. Para Marpeck, recursos e riquezas são dons para servir os outros; avidez por esses dons é repreensível. Os empreendimentos bem sucedidos de Marpeck e sua preocupação com o indivíduo socialmente fraco ou desfavorecido exemplificam as consequências práticas do seu entendimento. Tipicamente, uma compreensão como a de Marpeck implicará decisões socialmente responsáveis no que diz respeito ao uso de recursos, muito necessárias nas principais empreitadas de engenharia.

De um lado mais pessoal, os comentários de Marpeck sobre o relacionamento pessoal e a reação aos outros, em particular ao dar e receber escândalo, podem ser vistas como empoderadoras da vida em comunidade e do trabalho em equipe, ambos altamente valorizados em engenharia.

Finalmente, Marpeck preocupou-se também com o reconhecimento / identificação do que nos impele. Estabeleceu quatro critérios relacionados com a ética prática do cristão, independentemente de sua atividade profissional. Para o engenheiro, as considerações de Marpeck servem de alerta contra o comportamento compulsivo e contra excessos na busca do que se pode – pessoalmente e impulsivamente – considerar objetivos interessantes. Tal preocupação atualmente é encontrada na comunidade de engenharia. Ela está implícita, por exemplo, na seguinte promessa, incluída no compromisso do profissional de engenharia comumente utilizado no Brasil: “No cumprimento do meu dever de

41 Uma perspectiva combinando engenharia e doxologia é discutida em Paul C. Heidebrecht, capítulo 5, 2014 (sem menção a Pilgram Marpeck).

42 J.C. Van Antwerp, 2006.

43 Alexander Kossiakoff, William N. Sweet, Sam Seymour, Steven M. Biemer. *Systems Engineering Principles and Practice* (2ª edição, Hoboken: John Wiley, 2011), 23.

44 H. Hoover, 132.

engenheiro, não me deixarei levar pelo brilho excessivo da tecnologia.”⁴⁵

Assim, a consideração do pensamento de Marpeck serve como chamada a nova reflexão acerca de questões relevantes, pertinentes à vida cristã, que – dependendo do ofício ou profissão – incluirá ou não atividades de engenharia.

⁴⁵ *Ata da sessão plenária nº 1973 (ordinária)*, Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo – CREA-SP, São Paulo, 12 de dezembro de 2013. Último acesso: 17 de julho de 2015.
<http://www.creasp.org.br/arquivos/plenaria/janeiro2014/O4.pdf>